

ENTRE SABERES E CULTURAS: VIVÊNCIAS DE PIBIDIANOS NO ESTUDO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCATIVOS

Andrea Helena Petry Rahmeier ¹
Eduarda Farias da Silva ²
Elaize Francisco Klein ³
Guilherme Henrique da Silva ⁴
Luiz Felipe Francisco de Oliveira ⁵

RESUMO

O presente relato de experiência resulta da segunda edição da exposição "Religiões de Matriz Africana: explorando suas diferenças e diversidades", realizada no segundo semestre de 2025 em uma escola municipal na cidade de Taquara (RS), pelo grupo de estudantes do PIBID do subprojeto interdisciplinar das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), envolvendo estudantes dos cursos de licenciatura em matemática e história. O objetivo principal da exposição foi proporcionar aos estudantes dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental conhecimento e compreensão das religiões de matriz africana, Umbanda, Quimbanda e Nação Cabinda. A atividade teve o intuito de desmistificar termos e objetos utilizados nessas religiões e valorizar toda forma de professar a fé, sendo guiada por um dos participantes do programa que é praticante delas. A exposição foi organizada em cinco momentos: iniciando com a contextualização da chegada das religiões em nosso país e o sincretismo religioso sendo utilizado como forma de resistência. Seguida da apresentação das três religiões e suas principais características; e, por fim, relatos de experiências de pessoas praticantes. Cada religião foi simbolizada pelas respectivas cores, oferendas e entidades. Neste caso, as entidades selecionadas foram Ogum, representando a Umbanda, a Pomba Gira, representando a Quimbanda, e Iemanjá, representando a Nação Cabinda. Para cada uma delas foi confeccionado um banner contendo imagens, símbolos, cores e representações. Esta escolha se deu com a intenção de trazer elementos diversos que resultam na narrativa específica sobre cada uma, visto que a composição das religiões é vasta. Constatou-se que a proposta possibilitou diálogos não discriminatórios, sensibilizou a comunidade sobre a importância das diversas vertentes religiosas, promoveu o sentimento de pertencimento dos estudantes praticantes dessas religiões no ambiente escolar e valorizou a riqueza cultural do Brasil, conforme propõe a legislação brasileira como a BNCC e por teóricos como Rosa Rocha (2009).

¹ Professora Orientadora: Doutora em História Pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, andrearahmeier@faccat.br;

² Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, eduardafarias@sou.faccat.br;

³ Graduanda em Matemática pelas Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT, elaizeklein@sou.faccat.br;

⁴ Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, guilhermehenrique@sou.faccat.br;

⁵ Graduando em Matemática pelas Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT, luiz.felipe.oliveira@sou.faccat.br.



Palavras-chave: Educação, Interdisciplinar, PIBID, Religiosidade, Cultura

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência surgiu de uma caminhada no programa PIBID das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Parte dos autores estiveram em duas edições diferentes do PIBID, uma de 2022-2023 e a atual. Uma das provocações de atividades realizada pela professora coordenadora do subprojeto interdisciplinar foi retomar o projeto “Religiões de Matriz Africana: Explorando suas diferenças e diversidades” realizado no ano de 2023 na E.M.E.F. Rosa Elsa Mertins e agora aplicá-lo em um novo contexto, na E.M.E.F João Martins Nunes no segundo semestre do ano de 2025. A escola é situada no bairro Medianeira em Taquara/RS, uma escola pública de responsabilidade Municipal que atende diversas classes sociais que compõem o bairro e arredores. Conforme o Censo Escolar de 2024 a escola contava com 393 estudantes matriculados, com turmas da educação infantil ao nono ano do ensino fundamental.

O projeto foi apresentado em 2025 no X ENALIC (OLIVEIRA, *et al*, 2026). O projeto manteve os objetivos da versão anterior, que eram apresentar de forma clara e dinâmica os principais aspectos das religiões de matriz africana, Umbanda, Quimbanda e Nação Cabinda, bem como relatos de experiências de pessoas fora da comunidade escolar, que estão inseridas na sociedade com diferentes profissões e propósitos, para que assim os estudantes pudessem realizar a reflexão sobre a presença das pessoas na sociedade. Para que se compreenda de maneira mais abrangente o verdadeiro significado das experiências propostas e aqui relatadas torna-se indispensável uma breve introdução acerca da origem e desenvolvimento das religiões afro-brasileiras e do sincretismo que as envolve.

Provavelmente, foi só no final do século XIX que as religiões afro-brasileiras, também denominadas de religiões de matriz africana, foram organizadas em torno de uma estrutura coesa, visto que justamente nesse período os últimos africanos escravizados são trazidos para o Brasil e incorporados gradualmente ao espaço urbano, onde encontram condições favoráveis para a manutenção de cultos de fato mais organizados. No Candomblé de nação angola, de origem banto, por exemplo, além da absorção do panteão dos orixás iorubás, há também o culto aos caboclos enquanto espíritos indígenas que, na visão dos africanos, são os verdadeiros ancestrais brasileiros. Possivelmente, é do diálogo estabelecido entre o Candomblé angola e o de caboclo que surge a Umbanda. Além disso, manifestações como a nação congo e a cabinda também foram incorporadas pela nação angola (Prandi, 1996).



O surgimento da Umbanda remonta ao século XX e resulta da colisão entre as tradições africanas, espíritas e católicas. Reconhecida por seus contrastes em relação ao Candomblé, na Umbanda a iniciação é mais simples e os rituais não exigem sacrifício de sangue, pois, segundo Prandi (1996, p. 67) “caboclos e pretos-velhos manifestam-se nos corpos dos iniciados durante as cerimônias de transe para dançar e sobretudo orientar e curar”. A Quimbanda, por sua vez, representa justamente o conjunto de práticas que a Umbanda decidiu renunciar sob a finalidade de se adequar à moral ocidental. Na Quimbanda, entidades como exus e pombagiras trabalham a partir de uma lógica africana não-maniqueísta, onde o dualismo bem e mal são considerados faces da mesma moeda.

Ou seja, o desenvolvimento das religiões afro-brasileiras é fortemente marcado pelo sincretismo, envolvendo tanto o catolicismo quanto, em alguma medida, as crenças indígenas. A dimensão politeísta do culto aos santos católicos ou a comunicação com espíritos por intermédio do transe, são exemplos típicos de outras crenças que se ajustaram à tradição africana durante esse processo sincrético (Prandi, 1996). Em suma,

A presença do negro na formação social do Brasil foi decisiva para dotar a cultura brasileira dum patrimônio mágico-religioso, desdobrado em inúmeras instituições e dimensões materiais e simbólicas, sagradas e profanas, de enorme importância para a identidade do país e sua civilização (Prandi, 1996, p. 67).

Conforme Valente (1955), embora o sincretismo religioso possa ser interpretado como uma forma de resistência diante do colonizador, esse fenômeno também resulta de uma tentativa de solucionar o conflito cultural entre o fetichismo africano e o catolicismo luso-brasileiro. Trata-se de um processo caracterizado pela acomodação e assimilação que não pode ser reduzido a uma aculturação já que ambos os lados foram transformados por essa colisão. Inclusive, segundo o antropólogo, ao contrário do que se acredita essas transformações não iniciam no Brasil, começam no próprio continente africano com a chegada dos europeus e são acentuadas pelo contato entre os diversos grupos étnicos que ocupavam os navios negreiros durante a travessia do atlântico.

De acordo com Bastide (1985), a subsistência de entidades negras só foi possível mediante uma “máscara colonial” de santo católico. Aliás, para o sociólogo, é muito comum nos terreiros a coexistência de um altar católico e de um altar para os orixás. Todavia, se na África o culto ao ancestral de um povoado era o elemento central responsável pela manutenção do equilíbrio, na medida em que a escravidão dissolveu as estruturas sociais e familiares sobre as quais essas crenças estavam alicerçadas e inviabilizou a sua reprodução, as tradições africanas tiveram que ser reinterpretadas e os orixás passaram a preencher esse



espaço. Ademais, se por um lado a reconstituição parcial dessas religiões negras permitiam que as vítimas da diáspora ressignificassem suas vidas, era somente através do exercício do catolicismo que a sobrevivência no universo dos brancos era assegurada (Prandi, 1996).

No Rio Grande do Sul, sobretudo em cidades como Porto Alegre, Pelotas e Viamão, o batuque apresenta uma estrutura bem distinta se comparada à realidade das manifestações do norte do país, em decorrência de fatores socioeconômicos. A hierarquia é resumida basicamente em pais e mães de santo e seus filhos, sem cargos especializados. O terreiro costuma ser a própria casa do pai ou da mãe de santo e nem sempre representa, como no norte, uma família substituta. Já a filiação se dá por meio da herança familiar dos orixás. (Bastide, 1985).

A justificativa nesta edição não foi a mesma da anterior, pois em 2023 os pibidianos perceberam que este tema não era abordado nas escolas, através do relato pessoal de um dos bolsistas do PIBID. Em 2025 o projeto era importante devido a necessidade de abordar o tema durante o mês da consciência negra, neste momento buscou-se valorizar as diferentes culturas e religiões que compõem nosso país, ao mesmo tempo que percebemos o contexto em que a escola está inserida, composta de diferentes estudantes praticantes das religiões de matriz africana e que precisamos representá-los e valorizar sua forma de professar a fé.

Por fim, este relato está organizado em cinco capítulos: introdução, referencial teórico, metodologia – na qual se descreve todo o processo de elaboração e execução do projeto –, seguidas pela apresentação breve dos resultados, discussões e considerações finais acerca das repercussões da iniciativa no contexto escolar.

METODOLOGIA

A exposição foi desenvolvida a partir da pesquisa já realizada em 2023 (OLIVEIRA *et al*, 2026) e da proposta de realização de uma segunda edição da atividade. Neste momento, percebeu-se que era necessário um resgate histórico acerca da chegada das religiões de matriz africana ao Brasil, bem como dos motivos pelos quais ainda ocorrem a associação dos orixás com santos católicos. Em seguida apresentou-se a Umbanda, Quimbanda e Nação Cabinda por meio de banners confeccionados especialmente para a exposição, contendo imagens, símbolos, cores e representações. A culminância da exposição se deu através da apresentação dos banners e de um dos pibidianos praticante usar vestimentas religiosas tradicionais de Nação Cabinda e os relatos de pessoas praticantes destas tradições. Esta atividade está baseada na ideia de Djamila Ribeiro (2019) de lugar de fala.



Os estudantes foram convidados por turma (6º e 7º anos) a se direcionarem à sala onde estava ocorrendo a exposição. A mediação foi liderada por um dos pibidianos, praticante dessa religião, com o apoio dos demais integrantes do PIBID. Com o intuito de representar as religiões em estudo, foram definidas entidades específicas para cada culto. Neste sentido, Ogum foi o escolhido para representar a Umbanda, Exu e Pomba-Gira para a Quimbanda e, por fim, Iemanjá para a Nação Cabinda. A escolha das entidades representativas teve como objetivo facilitar a compreensão dos fundamentos de cada uma das religiões, destacando as diferenças presentes.

A primeira religião a ser apresentada foi a Umbanda, um segmento religioso que agrega elementos africanos, indígenas e também espíritas, fundamentada através do respeito, evolução espiritual e principalmente a caridade. Diferentemente dos outros cultos, neste segmento não são sacralizados animais, os rituais de cruzamentos acontecem somente com a utilização das ervas representativas.

A Umbanda baseia-se na crença e no culto de um plano espiritual onde habita um ser superior denominado Zambi e sete linhas de entidades também chamadas de caboclos, nas quais são responsáveis e permitidas para vir ao plano material para orientar seus praticantes a enfrentarem os desafios da vida com fé e fazer a caridade, conhecidos como Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Águas, Yori (Cosmes) e Yorimá (Pretos velhos), as entidades possuem diferentes representações e atuam em diversos locais da natureza, possuem cores, dia da semana e oferendas específicos.

Ogum foi escolhido como entidade representativa da Umbanda, este caboclo simboliza a luta, a bravura e também a honestidade. Ogum é cultuado na Umbanda como um forte guerreiro vencedor de batalhas, é ele quem possibilita o avanço na vida das pessoas e a abertura de caminhos. Dono do ferro, do aço e de tudo aquilo que para ser criado necessita-se de esforço braçal. As cores utilizadas são o verde e o vermelho. O verde representa os caminhos e a esperança, enquanto o vermelho simboliza a guerra, a coragem e a determinação desta entidade. Na Umbanda, seu dia de culto é tradicionalmente a quinta-feira, sua contagem é o número sete e seus múltiplos. Por ser o dono do ferro, seus locais de atuação são estradas e trilhos de trem, tendo como principais ferramentas a lança, a espada e o escudo. Para este caboclo utiliza-se como oferenda a farinha de mandioca envolvida no azeite de dendê (inhame), pipocas, laranjas, costela e charuto. No dia 23 de abril, comemora-se o dia de Ogum, em paralelo a São Jorge, no catolicismo.



Imagem 01 - Umbanda



Fonte: Os autores (2025).

O segundo banner apresentou a Quimbanda, segmento religioso que, inicialmente pertencia a Umbanda. Porém, a partir da necessidade da utilização de determinados elementos do ritual que não fazem parte da prática umbandista, a Quimbanda consolidou-se como uma religião independente, com suas próprias características, rituais e fundamentos. A Quimbanda é caracterizada pelo culto às entidades Exus e Pomba-giras, havendo no plano espiritual diferentes falanges dessas entidades, conhecidas como falangeiros. Para os quimbandeiros, os Exus e Pomba-giras foram espíritos que, quando encarnados, vivenciaram experiências marcadas por erros. Sendo assim, retornam por meio do culto de Quimbanda para ajudar pessoas nas quais enfrentam situações semelhantes e conseqüentemente adquirirem a evolução espiritual na qual necessitam. Assim como em outros segmentos das religiões de matriz africana, as entidades da Quimbanda possuem elementos próprios, como cores, oferendas, numerologia e local de atuação, representando suas energias específicas.

A Pomba-gira simboliza a força feminina, a autonomia e o empoderamento, enquanto Exu representa a energia masculina, o movimento e o equilíbrio das energias. Juntos, realizam a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material e promovem organização e clareza nas escolhas das pessoas.

Os lugares de atuação dessas entidades são as encruzilhadas, sua numerologia é sete e seus múltiplos. As oferendas destinadas a Exu são compostas por milho torrado no azeite de dendê, pipoca, charutos e cachaça. Já as oferendas à Pomba-gira costumam influir pipoca, bombons, rosas vermelhas e champanhe.

Um dos aspectos que diferenciam a Quimbanda de outros segmentos das religiões de matriz africana é a utilização de bebidas alcoólicas e a sacralização de animais, elementos esses que na maioria das vezes são vistos de maneira negativa dessa religião. A sacralização



tem como principal objetivo promover uma troca energética entre o ser humano e o animal ofertado, onde o sangue do animal é entendido como uma grande fonte de energia e é ofertado para o alcance de uma necessidade ou de um pedido específico. Importante destacar que a carne do animal sacralizado é destinada à alimentação dos praticantes ou utilizada em eventos coletivos.

O consumo de bebidas e fumo pelas entidades é entendido como uma forma de absorção e transmutação das energias presentes nestes elementos para o plano espiritual, levando consigo os vícios de quem às procurar pedindo ajuda.

Imagem 02 - Quimbanda



Fonte: Os autores (2025).

A última religião a ser apresentada foi a Nação Cabinda, vertente religiosa cujo o ritual é fundamentado no culto aos orixás. Para os cabindeiros, essas divindades foram grandes reis e rainhas que realizaram milagres enquanto encarnados e, após sua passagem para o plano espiritual, tiveram o privilégio de se tornarem orixás.

A Nação Cabinda é baseada nos *itãs*, histórias que relatam episódios da vida, da caminhada e das características de cada um dos orixás quando ainda estavam vivos. Essa vertente religiosa é composta por doze orixás, sendo eles: Bará, Ogum, Iansã, Xangô, Odé, Otim, Obá, Ossãe, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. Assim como em outros cultos, cada orixá possui suas falanges, organizadas em novo, meia-idade e velho, representando diferentes estágios de atuação espiritual.

O orixá definido para representar a Nação Cabinda foi Iemanjá, conhecida e cultuada como a deusa das águas. De acordo com os *itãs*, Iemanjá é considerada a mãe de todos os



orixás, sendo associada à fertilidade, à maternidade e a continuidade da vida, o que a torna um dos orixás mais respeitados dentro da tradição. Iemanjá também é responsável pelos pensamentos e pela harmonia de dentro dos lares, símbolo do amor familiar, proteção e acolhimento, nas casas onde há amor, afeto e cuidado, há Iemanjá. Oito é o número que simboliza este orixá, sua cor representativa é azul claro, justamente pela sua conexão com o mar, essa cor está associada à paz, serenidade e confiança que são características de Iemanjá. Suas oferendas são a canjica branca, cocada, bombom de coco, melancia, uva verde, maçã verde, flores azuis, perfumes, pente, espelho, batom e jóias prateadas, geralmente entregues no dia 02 de fevereiro, após o batuque, ou em forma de agradecimento.

Imagem 03 - Nação Cabinda



Fonte: Os autores (2025).

REFERENCIAL TEÓRICO

Essa experiência foi planejada em conformidade com as leis 10.639/03 e 11.645/08, ambas responsáveis por promover a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) prevendo, respectivamente, a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e a contemplação da história e cultural indígena nesses estudos. Ademais, o desenvolvimento dessas atividades está alinhado com os princípios da educação antirracista (ROCHA, 2009), pois a partir dele se orienta a reflexão sobre os preconceitos e possibilita sua abordagem a partir de suas próprias bases, valorizando os saberes populares como elemento central da proposta.

Entretanto, apesar dos progressos legislativos, tais diretrizes nem sempre são implementadas de forma eficaz nas escolas, seja devido à ausência de formação contínua dos



docentes, à escassez de materiais didáticos adequados ou à abordagem pontual e superficial dos conteúdos. Esta situação evidencia uma dissonância entre a legislação educacional e a prática pedagógica quotidiana, tornando imperativa a intervenção inovadora e responsável através do programa PIBID nas escolas de educação básica.

Para além disso, é imperativo desmistificar a utilização da representatividade da cultura negra no contexto escolar, limitando-a aos folclores, e minimizar a sua influência na formação do povo brasileiro. Através do projeto busca-se contemplar a diversidade social, cultural e étnico-racial, ao mesmo tempo reconhecer e valorizar as contribuições socioculturais dos grupos historicamente marginalizados na constituição da sociedade brasileira, sendo assim uma prática efetiva que vai para além da reprodução de padrões dominantes e passando a ser um espaço de diálogo entre as culturas e formas de conhecimento, vindo ao encontro ao que Rocha (2009) ressalta.

Desse modo, ao analisarmos a BNCC, selecionamos como competências e habilidades pertinentes ao nosso projeto, as seguintes: Competência Específica de Ensino Religioso: 2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios; Habilidade: (EF08ER03) Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte (BRASIL, 2018), complementando ainda mais o aporte teórico e viabilizando o quanto fundamental é presença do projeto de exposição das religiões dentro do contexto escolar.

Neste sentido, o processo de aprendizagem não pode ser compreendido de forma isolada, pois está diretamente relacionado ao contexto social, cultural e histórico em que o indivíduo se encontra, segundo Vygotsky (2007). A construção de conceitos por parte do estudante, ocorre por meio da interação com outros sujeitos e com o meio. Essa perspectiva dialoga com a justificativa deste trabalho, que busca valorizar e reconhecer toda a forma de professar a fé.

Em última análise, importa salientar a perspectiva de Freire (2023), segundo a qual não se deve limitar-se a transmitir o conhecimento, mas sim incentivar o aluno a construir o seu próprio conhecimento. O grupo proporcionou uma exposição das religiões, e o estudante ao ter contato com a exposição se põe em modo de atenção, pois esta o instiga, muitas vezes, a se atrever a conhecer o desconhecido, fazendo assim uma reflexão sobre os seus preconceitos que fazem parte da sua forma de ver o mundo e a sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



No decurso do processo, desde a idealização até a realização do projeto obteve-se um vasto apoio da comunidade escolar através da supervisora Cristiane Wilhelms, demonstrando a importância e a relevância de trazer a proposta para os estudantes daquela instituição. A concepção dos banners foi realizada com apoio da coordenação do Pibid Interdisciplinar, constituindo um aspecto crucial para a realização da exposição no ambiente escolar, e futuramente em outros espaços.

A exposição guiada por um dos pibidianos vestido com uma das roupas utilizadas nos cultos, suscitou nos estudantes sentimentos de curiosidade e desconforto, uma vez que a experiência estava longe do seu cotidiano. No entanto, a visita proporcionou uma representação significativa das práticas religiosas de matriz africana. A exposição foi realizada com quatro turmas, como já citado de 6º e 7º anos, e em todas as turmas havia pelo menos um estudante que relatou ser praticante de uma das religiões apresentadas, o que enriqueceu a exposição, pois a partir dos estudantes teve-se relatos de cura através da profissão da fé, valorizando assim toda e qualquer forma de professar a fé.

Apesar da comunidade escolar atender um público diversificado, notou-se que para muitos dos discentes foi o primeiro contato com as religiões de matriz africana, assim agregando novos conhecimentos, e, principalmente desmistificando estereótipos construídos através do tempo na sociedade. Diferentemente do projeto aplicado em 2023, nesta edição os funcionários da escola também participaram da exposição, relatando suas experiências com as religiões de matriz africana sendo alguns deles praticantes, este ato demonstrou reforçou a necessidade de abordar estas religiões em contexto escolar, pois além de um pertencimento para os alunos é também para todos que atuam na instituição.

Com a mediação de um praticante das religiões, o esclarecimento de dúvidas e perguntas tornou-se mais assertivo, conseguindo fazer a articulação dos conceitos de forma direta e pedagógica, incentivando a participação ativa dos presentes. A participação dos professores titulares das turmas que visitaram o espaço foi crucial para o sucesso do projeto. Além de contribuírem com questionamentos e/ou esclarecimentos, auxiliaram na organização e no respeito dos estudantes para aquele momento, espaço, e, principalmente, com o mediador da exposição.

Ressalta que o uso de alimentos na exposição que, possivelmente, são vistos em diferentes oferendas pelos estudantes na sociedade, como por exemplo a pipoca, contribuiu de forma contundente para que os estereótipos fossem desmistificados através do conhecimento para qual finalidade aquele alimento é oferecido para as entidades.



Os relatos de experiências apresentados e explicados aos estudantes, acerca de como a fé pode mobilizar e auxiliar na busca pela cura, articulados às vivências compartilhadas por eles durante a visita, possibilitaram uma reflexão mais ampla sobre as diferentes formas de vivenciar a religiosidade. Dessa forma, os estudantes puderam compreender que, embora existam distintas maneiras de seguir uma religião, todas convergem para um propósito comum: a promoção do bem-estar e do desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações étnico raciais devem ser desenvolvidas de forma interdisciplinar no ambiente escolar, dessa forma as vivências proporcionadas por esta exposição foram para além desta temática, promovendo em cada estudante o reconhecimento e compreensão da importância de cada segmento religioso para a construção cultural do nosso país. Ainda, é notório que o respeito e a valorização da diversidade são promovidos em cada fala, observação e troca realizado ao longo de cada vivência e explicação realizada ao longo dos relatos do palestrante.

Logo, ao proporcionar a estes estudantes a aproximação com as religiões de matriz africana, lhes permite quebrar preconceitos preestabelecidos com base no desconhecimento de tais rituais e práticas, assim formando multiplicadores de opiniões cada vez mais conscientes e respeitosos quanto à religião de cada cidadão, assim a exposição perpassa as questões pedagógicas e adentra na função social da escola, enquanto espaço de formação de sujeitos.

Consequente, ao analisar a atenção de cada estudante ao ouvir o praticante dessa religião explanar suas ideias e vivências, constatou-se a humanização da proposta, bem como a aproximação destes a realidade vivenciada pelo sujeito, de forma que assim cada ouvinte pode refletir e analisar os fundamentos, motivações e assim desmistificar suas ideias iniciais. Contudo, ficou evidente que a palavra fé pode ser compreendida como algo muito mais amplo, significativo e particular para cada sujeito, passando ser um dever de cada um respeitar o livre arbítrio dos seus iguais, mesmo nas grandes diferenças.

Conforme referido aos docentes participantes, a atividade também se revelou de grande pertinência, uma vez que o aprendizado experienciado proporcionou reflexões significativas sobre práticas pedagógicas ainda pouco exploradas em contexto de sala de aula. Constata-se que muitos professores deixam de abordar esta temática devido à falta de conhecimento ou de formação específica. Nesse sentido, ações de formação como esta contribuem para o aprofundamento de saberes, para o fortalecimento da segurança



profissional e para a capacitação docente, favorecendo a presença, frequência e naturalização do tema no cotidiano das salas de aula.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) por nos permitirem participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), à Escola Municipal de Ensino Fundamental João Martins Nunes pelo acolhimento e, sobretudo, às professoras Andrea Helena Petry Rahmeier e Cristiane Wilhems por nos ajudarem a percorrer o caminho da docência.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1985.

BRASIL. **Lei nº 10.639**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 9 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 mar. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 76.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

OLIVEIRA, Luiz Felipe Francisco De *et al.*. **Saberes populares: explorando as religiões de matriz africana enquanto pibidianos**. Anais do X ENALIC e o IX Seminário Nacional do PIBID... Campina Grande: Realize Editora, 2026. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/142044>. Acesso em: 10 fev. 2026

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 64–83, dez. 1995/fev. 1996. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/pt_BR/article/view/28365. Acesso em: 10 fev. 2026.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Pedagogia da Diferença**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

